

# **IMPACTOS DOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO NA PESCA ARTESANAL DE REGÊNCIA AUGUSTA/ES**

Charlene Sales Bicalho  
Mestrado em Administração/UFES  
[charlene\\_bicalho@yahoo.com.br](mailto:charlene_bicalho@yahoo.com.br)

## **RESUMO**

O presente artigo visa discutir como os pescadores artesanais de Regência Augusta resignificam suas técnicas de produção perante as interferências geradas pelos projetos de desenvolvimento implantados na região. Mediante escolha pela pesquisa qualitativa, foi realizado um levantamento bibliográfico, juntamente com observação participante. Os dados foram coletados através de três instrumentos de pesquisa, entrevistas não estruturadas com ênfase na história de vida, registros fotográficos e observações assistemáticas. Os resultados encontrados revelam que ocorre alteração nas técnicas produtivas pesqueiras principalmente nas fontes de informação e nos termos de linguagem incorporados. Tal trabalho faz parte da dissertação em andamento da autora, sob orientação de Ricardo Behr<sup>1</sup>, e co-orientação de Aline Trigueiro<sup>2</sup>.

Palavras chave: Pesca – Regência Augusta – Rio Doce – Técnicas produtivas pesqueiras

## **1. INTRODUÇÃO**

As técnicas de produção artesanal da pesca de Regência/ES vêm passando por um processo de resignificação devido aos impactos gerados pelos grandes projetos de desenvolvimento, sobretudo os de políticas energéticas e ambientais. Neste trabalho abordaremos apenas os impactos gerados pelos empreendimentos energéticos, consideradas grandes símbolos de modernização do Estado, tendo em vista que abastecem grandes fábricas implantadas no Estado, principalmente a Aracruz Celulose, a Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica de Tubarão.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Administração.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

Tomando tal informação como ponto de partida, o presente trabalho tem como objetivo geral “Analisar os impactos gerados pelos grandes projetos de desenvolvimento, na pesca artesanal de Regência Augusta.” No intuito de alcançar tal objetivo temos como objetivos específicos: situar o leitor quanto a pesca na região; identificar as técnicas produtivas pesqueiras e verificar a existência de alterações principalmente no que diz respeito as fontes de informação e nos termos de linguagem incorporados.

A relevância do objetivo proposto está em identificar nos relatos coletados em entrevistas não-estruturadas, bem como observação direta, como ocorre a resignificação do fazer artesanal da pesca que pode ser percebida nas alterações das técnicas, nas fontes de informação e nos termos de linguagem incorporados. Desta forma o tema se faz de suma importância para futuras reflexões acerca de como os pescadores lidam com os processos modernizantes.

O trabalho esta disposto em duas ordens de informações. Primeiramente situaremos o leitor quanto região pesquisada e posteriormente apresentaremos a pesca na região, juntamente com algumas resignificações identificadas, a partir do discurso dos pescadores.

## **2. Porteira do Rio Doce**

Regência Augusta, está localizada a 129 km ao norte de Vitória, capital do Espírito Santo. Situada a 7 km da Reserva Biológica de Comboios<sup>3</sup>, cercada pelo rio Doce e o Oceano Atlântico, essa pequena vila ocupa uma área de cerca de 40 hectares. Possui aproximadamente 1022<sup>4</sup> habitantes, pertencentes a 288 famílias, sendo a distribuição por sexo a seguinte: 507 homens e 515 mulheres. As principais atividades econômicas são: pesca, Projeto TAMAR, Petrobrás e empreiteiras, Prefeitura, comércio e outros.

---

<sup>3</sup> Criada em 1984 através do Decreto 90.222, a Reserva Biológica de Comboios foi criada pelo Governo Federal com o objetivo de conservação da espécie de tartaruga marinha.

<sup>4</sup> Tais informações foram cedidas pela Secretaria de Assistência a Saúde, pela equipe do PSF – Programa Saúde da Família). Os dados de 31/03/2011 são referentes ao número de famílias cadastradas, ou seja, residentes permanentes da área urbana de Regência Augusta.



**Figura 1: Vila de Regência Augusta e foz do rio Doce. Fonte: Plano de desenvolvimento integrado e sustentável do entorno da Reserva Biológica de Comboios.**

O percurso utilizado pela maioria dos turistas que vêm da capital de carro para Regência Augusta é realizado pelo litoral sendo os primeiros 90 km percorridos por estradas pavimentadas, seguidos por outros 40 km de estrada de terra. Para a maioria dos nativos e turistas que realizam o trajeto de ônibus o caminho é outro, sendo necessário percorrer 133 km até Linhares, município de onde Regência é distrito, e depois mais 58 km até Regência sendo que apenas 10 km são asfaltados. Os horários de ônibus de Linhares para Regência são reduzidos a 3 vezes ao dia, e não são raros os acidentes nesse trecho durante a noite.

No percurso do município até Regência passamos pela comunidade de Perobas. Localizada a 18km de distância da sede do município, esta é marcada por fazendas de criação de gado, cacau, cultivo de mamão, banana, e atualmente o plantio predominante de eucaliptos. Muitas fazendas antigas de cultivo de cacau ainda mantêm suas arquiteturas com matas que abrigam árvores centenárias.

Logo depois temos a comunidade do Areal localizada à 8 km de distância em estrada de terra da Vila de Regência. A região é também cercada por lagoas, fazendas de cacau e criação de gado. Em meio tal cenário encontramos dentro da Reserva Biológica de Comboios o terminal Petrolífero de Regência – “TORGUA”, uma “mina de petróleo<sup>5</sup>”, permeada por cavalos de aço de extração. Além dos tambores de concreto da Unidade de Processamento de Gás Natural de Lagoa Parda e dos gasodutos, todos pertencentes a Petrobrás, patrocinadora oficial do Projeto Tamar-ICMBio<sup>6</sup> cuja base encontra-se junta a base da Reserva Biológica de Comboios.

A presença da Petrobrás marca a dinâmica social da Vila principalmente no que tange a novas formas de inserções econômicas alternativas a pesca. Durante a implantação dos projetos pela Petrobrás a mão-de-obra era contratada diretamente, entretanto atual uma importante parcela dos pescadores tem sua mão-de-obra empregada temporariamente por empresas que prestam serviço para Petrobrás. No início da manhã, no horário do almoço e no fim da tarde nota-se a presença de vários homens uniformizados.

A vila de Regência Augusta possui todas as ruas sem pavimentação. As casas em sua maioria de alvenaria abrigam por vezes famílias inteiras que dividem suas casas em um mesmo terreno. Os quintais que antes eram totalmente limpos ao redor das ocas com o intuito de proteger a família dos animais selvagens hoje possuem uma faixa de areia ao redor das casas e os fundos são fartos em árvores frutíferas e animais de estimação. O comércio se resume a uma farmácia, um supermercado, vendas, “botecos”, pousadas e restaurantes que atualmente atendem funcionários das empreiteiras da Petrobrás e turistas durante os finais de semana.

Dificuldades como enfrentar a estrada e o transporte coletivo em péssimas condições de uso, além da alta tarifa da passagem, não parecem os únicos motivos que fazem com que a vila pareça não pertencer ao município do qual é distrito. Talvez a dizimação dos

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por um dos moradores de Regência, durante conversa com outra pessoa dentro do ônibus que se dirigia para Linhares.

<sup>6</sup> Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas, executado pelo Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas-Centro Tamar, vinculado à Diretoria de Biodiversidade do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade-ICMBio, órgão do Ministério do Meio Ambiente. Criado em 1980, tal projeto é reconhecido internacionalmente como uma das mais bem sucedidas experiências de conservação marinha. Possui como missão a pesquisa, conservação e manejo das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil.

botocudos “temidos e ferozes” a mando do Conde de Linhares para povoar as margens do Rio Doce visando a abertura de um caminho fluvial até Minas Gerais seja o principal motivo.

Toda a região do Baixo Rio Doce era habitada pelos índios aimorés<sup>7</sup>, vulgarmente conhecidos como botocudos em virtude dos botoques – discos brancos feitos, em geral, de madeira leve - que usavam nos lábios e nas orelhas, Zunti (1941). Já para autores os botocudos eram de convivência pacífica, mas se defendiam dos homens brancos que por sua vez buscavam ampliar os seus domínios.

Durante a ocupação do Espírito Santo pelos portugueses, na procura de riquezas, ouro e pedras preciosas, as estradas hidrográficas eram as únicas vias de acesso do litoral com o interior e vice-versa, neste sentido o rio Doce se faz de extrema relevância na história da Vila de Regência Augusta. Seu nome deriva da história, onde navegadores portugueses encontrando água doce defronte à foz deste rio deram-lhe o nome de rio Doce. Ele nasce na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais e atravessa o Estado do Espírito Santo de oeste para leste desaguando no oceano Atlântico, em Regência.

Contudo o rio Doce nunca foi completamente navegável, apresentando alguns dificultadores à navegação, segundo Reis (2003). As dificuldades de navegação foram acentuadas após destruição das matas ciliares para cultivo da mandioca, seguida pela implantação de pastagens, e desmatamento para produção de carvão. Apenas em meados do século passado com início do cultivo de cacau, e a necessidade do sombreamento desta cultura pela mata, evitou-se a retirada completa da mata de aluvião a foz do rio Doce.

O Espírito Santo viveu durante séculos um fechamento para o mundo, sendo parte deste devido a proibição da abertura de caminhos e a navegação fluvial no Rio Doce, evitando assim o extravio de ouro e diamante. Apenas no final do século XVIII com o esgotamento das minas, o rio Doce passou a ser o canal de escoamento de novos modelos econômicos como a agricultura. Em 1800, o Governador da Capitania do Espírito Santo, o senhor Antônio Pires da Silva Pontes, iniciou o mapeamento do rio

---

<sup>7</sup> Em Tupi, a palavra aimoré significa nação diferente, que indica que esse grupo era culturalmente diferente dos demais.

Doce na tentativa de abrir o Espírito Santo para uma nova fase. Desde então surgiram embates entre os botocudos e a sociedade dominante em prol da segurança da navegação, sendo estes dizimados aos poucos.

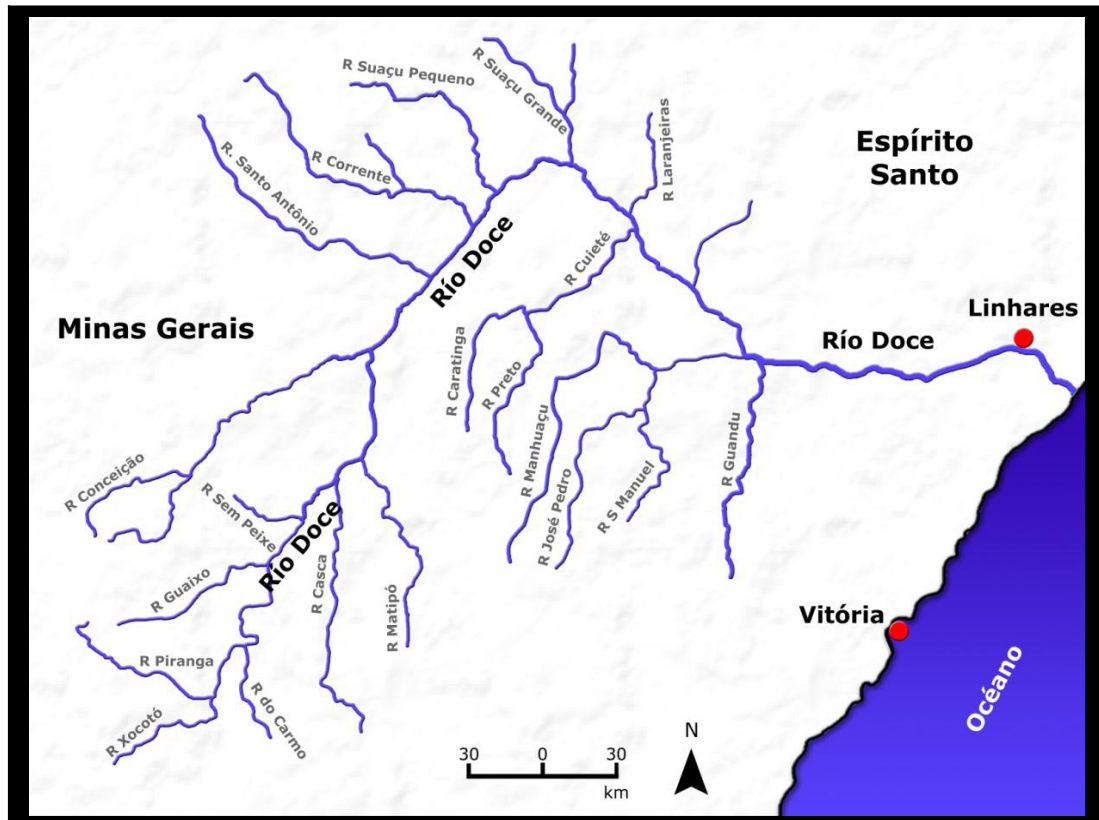


Figura 2 – Mapa hidrográfico do Rio Doce.

Atualmente acredita-se que boa parte da população de Regência Augusta seja descendente dos botocudos sobreviventes, imigrantes da Europa e negros vindos do Porto de São Mateus<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> O Porto de São Mateus era uma das principais portas de entrada de negros no Brasil.





**Figura 3: Maria Clara. Foto: Charlene Bicalho. Regência/ES em 29/10/10.**

A figura 3 confirma as raízes dessa comunidade através dos traços indígenas e negros de uma criança. Enquanto na figura 4 observa-se a diversidade étnica formando o tripé portugueses, negros e índios.



**Figura 4: João, Eduardo e Marlon (esquerda para direita). Regência/ES em 31/10/10.**

As dificuldades de navegação citadas anteriormente aliadas a construção da ponte Getúlio Vargas<sup>9</sup> em 1954, tornou as estradas fluviais dispensáveis, assim a vila de Regência Augusta entrou em declínio tendo em vista que o escoamento das mercadorias foi transferido para as estradas rodoviárias. Dessa forma a comunidade passou a viver uma exclusão sócio-territorial onde a pesca se tornou uma das principais fontes de sustento, mediante a fatura do pescado na região de encontro do rio Doce com o mar.

Ao longo do tempo com a escassez do pescado a pesca deixou de ser a principal fonte de renda da comunidade. O perigo durante a entrada ou saída pela foz do rio Doce devido ao movimento constante das areias no fundo do mesmo ainda é a principal dificuldade encontrada pelos pescadores da comunidade. O rio muda constantemente de lugar obstruindo dessa forma o canal que levaria as embarcações dos pescadores até o mar. Os desmatamentos ocorridos na região continuam contribuindo para o assoreamento do rio, formando bancadas de areia por vezes não mais submersas, tendo em vista que a quantidade de água do rio diminuiu.

Contudo, os pescadores não abrem mão de pescar mesmo que esta não seja mais sua fonte primária de sustento. As dificuldades impostas pelo assoreamento do rio Doce para realização da pesca são enfrentadas de forma heróica, baseadas no modelo de superação de Bernardo José dos Santos<sup>10</sup> conforme relato no próximo tópico.

### **3. PESCA**

A pesca faz parte do cotidiano de diversas vilas pesqueiras, não só como fonte de alimento, mas também como modo de vida, fornecendo identidade a essa comunidade. No Brasil tal atividade foi reconhecida em 1960 através do Decreto-lei nº 221/67: “Art 1º Para os efeitos deste Decreto-lei define-se por pesca todo ato tendente a capturar ou extrair elementos animais ou vegetais que tenham na água seu normal ou mais freqüente meio de vida.”

A pescaria em Regência Augusta é realizada tanto no rio Doce, quanto no mar. O processo produtivo da pesca em Regência Augusta esta dividido nas seguintes

---

<sup>9</sup> Ponte que liga Vitória a Linhares.

<sup>10</sup> A figura histórica mais conhecida entre os moradores de Regência é o pescador Bernardo José dos Santos.



modalidades: pesca de rede de espera (com barco ou por água), caceio, espinhel, arrasto de camarão e tarrafa (com barco ou sem barco). Para este artigo abordaremos a pesca de rede de espera por água realizada principalmente na praia, a pesca de rede de espera com barco realizada no rio e o caceio também realizado no rio, tendo em vista que tais modalidades foram acompanhadas através de observação participante pela pesquisadora.

Antes de apresentar a modalidade irei apontar um dos motivos que me despertaram a estudar tal temática. Durante a pesquisa perguntei ao Sr. Leônidas, presidente da Associação de pesca de Regência – ASPER, como ele sabia que iria chegar o vento sul no dia seguinte. Ele simplesmente respondeu que tinha visto pela internet. Posteriormente o questionei sobre como eles descobriam tal informação quando não tinha internet e ele respondeu que antes eles observavam a natureza, sendo que os mais velhos como ele ainda sabiam fazê-lo.

Considerando a experiência do Sr. Leônidas percebe-se que mesmo sendo detentor do saber, o mesmo recorre a outras fontes de informação. Para Giddens (1997, p. 104), “a pessoa detentora do saber ou sábia é o repositório da tradição, cujas qualidades especiais originam-se daquele longo aprendizado que cria habilidades e estados de graça”.

A resposta do pescador me remeteu ao conceito de tradição para Giddens (2001, p.22) onde a tradição mescla com a modernidade sendo assim reconstituída. Percebe-se dessa forma que novas fontes de informação são inseridas no processo de produção da pesca artesanal de Regência Augusta. Identifica-se uma interdependência cada vez maior entre o global e o local. O global influencia as vidas individuais nos espaços locais, enquanto as decisões dos indivíduos podem influenciar os resultados globais. Estas inter-influências incidem sobre grupos, que por sua vez não tendem a acabar, mas a se reestruturarem.

Retornando as modalidades, a pesca de rede de espera por água é realizada prioritariamente no mar, sendo realizada no rio somente em épocas de seca. Como o próprio nome indica as redes amparadas com um talão<sup>11</sup> em cada extremo, juntamente com uma âncora são colocadas geralmente por um ou mais pescadores. Este pescador

---

<sup>11</sup> Pau onde fica fixada a rede de pesca.

mira a rede diariamente duas vezes por dia, caso contrário corre o risco de perder o pescado. Dependendo do tamanho e da quantidade do pescado o pescador ficar com o mesmo nas mãos até terminar de verificar o resto da rede e somente quando termina o retira da água.



**Figura 5 – Pesca de rede de espera por água.**

Não são raros os desentendimentos entre os praticantes dessa modalidade de pesca, devido disputas envolvendo a localização das redes. Eles alegam que quando pegam algum peixe e os outros ficam sabendo, no dia seguinte a rede fica toda cercada<sup>12</sup>. Segundo o Sr. Leônidas, presidente da ASPER, “o pescador pode colocar a rede onde quiser desde que não seja no mesmo corre<sup>13</sup>”. Entretanto no mesmo dia acompanhando um pescador percebi que na prática as redes são cercadas por outros pescadores quando um deles pega algum pescado. Na ocasião ele me disse, guardando rapidamente o robalo que havia pescado, “se os cara vê esse robalo, eles cercam isso tudo aqui”.

Em outro episódio ouvi um pescador reclamando que só porque tinha pegado um robalo dos grandes, outro pescador mais velho pediu que ele retirasse sua rede do local para que ele pudesse colocar a dele, “Eles pensam que são os donos do mar?”. Na mesma

<sup>12</sup> Termo utilizado pelos pescadores quando outras redes são colocadas paralelamente na frente ou atrás da dele.

<sup>13</sup> Termo utilizado para definir direção.

data a esposa do pescador disse que essa disputa entre os pescadores ainda iria acabar em morte.

Cabe aqui destacar a fala de um pescador, praticante da pesca de espera na água, funcionário de uma das empreiteiras da Petrobrás: “Eu não vou mirar<sup>14</sup> rede sem EPI, isso eu não faço de jeito nenhum.” Na ocasião João foi chamado por um colega de Pescador da Petrobrás por ter usado o termo EPI (equipamento de proteção individual).

O trecho acima nos mostra que vem sendo incorporados novos termos na linguagem dos pescadores que neste caso são prendidos em outras vivenciais profissionais. Na visão de Giddens (1997, p. 74) a era globalizante impõe transformações que podem resignificar tradições locais. Sendo assim, o local encontra-se conectado ao global que por sua vez pode ser influência ou influenciado por este.

A pesca de rede de espera com barco difere da pesca por água tendo em vista que a mesma é realizada a bordo do barco. Os tipos de embarcações existentes são de médio e pequeno porte, ambas movidas a motor, sendo as segundas chamadas de barco boca aberta<sup>15</sup>. Nesta modalidade um dos pescadores guia o barco, geralmente o proprietário<sup>16</sup>, enquanto os demais lançam as redes no rio, as recolhem quando necessário e removem o pescado da rede. Os pescadores se encontram no porto, o horário de saída para pesca varia de 4h e 30min a 9h e 30min.. Antes de sair o Mestre<sup>17</sup> confere o óleo que hoje pode ser comprado no posto de gasolina da própria vila.

Enquanto isso os ajudantes recolhem as redes caso necessário, retiram o pescado, os condicionam nas caixas de isopor ou caixas de verdura, neste caso tendo que mantê-los molhados. Nessa ocasião um dos pescadores pescou um bagre com linha de mão, capturando o peixe rapidamente como uma brincadeira.

---

<sup>14</sup> Termo utilizado pelos nativos para o ato de verificar se as redes capturam peixes.

<sup>15</sup> Embarcações sem convés.

<sup>16</sup> Em todas as observações participantes realizadas o proprietário guiava o barco.

<sup>17</sup> Pescador que guia o barco.



**Figura 6 – Barco boca aberta, ou seja, sem convés.**



**Figura 7 – Embarcação com convés.**





**Figura 8 – Retirada de rede durante pesca de espera com barco.**

O caceio consiste na captura dos peixes que vem do mar para desovar. Inicialmente os pescadores identificam o canal que levará a rede até a boca do rio, logo depois lançam a rede no mar e aguardam, quando ela chega na boca do rio ela é retirada. Essa modalidade permite a captura de diversos tipos de peixe como: robalo, cumatã, bagre caçari, bagre branco e carapeba.

Durante o caceio conversei com o Mestre Cuíca, 34 anos, pescador há 20 anos. Filho de “cachaceiro”, aprendeu a pescar assim, como os outros que estavam ajudando na pesca e hoje tem seu próprio barco. Um dos pescadores disse que era vigia da escola e o outro fazia de tudo um pouco, pedreiro, guarda vidas, e disse também já ter trabalhado para Petrobrás.

Apesar dos pescadores exercerem outras atividades a pesca se faz presente no cotidiano da comunidade, principalmente nas refeições. Os “pescadores” que trabalham como pedreiros, guarda-vidas ou até mesmo prestando serviço para empreiteiras da Petrobrás pescam para garantir o peixe nas refeições e nas “festas” nos finais de semana.





**Figura 9 – Retirada dos peixes capturados durante cacείο.**

No que diz respeito a comercialização a ASPER compra, beneficia (limpa), armazena e comercializa. Mas os pescadores preferem realizar a venda na maioria das vezes em suas próprias casas tendo em vista que a associação não possui capital de giro para pagar pelo pescado na hora, sendo necessário primeiro efetuar a venda.

### **3.1 Associação dos Pescadores de Regência - ASPER**

Criada em 1998, a ASPER – Associação dos Pescadores de Regência possui como finalidade a representação, promoção do desenvolvimento econômico dos pescadores associados, bem como a defesa dos direitos e interesses dos mesmos. Dos 60 associados, conforme informação do Sr. Leônidas Carlos, atual presidente da ASPER apenas 50% estão ativos<sup>18</sup>. Os associados pagam uma taxa de R\$ 5,00 mensais para pagamento das contas da sede (água, luz), além do salário das marisqueiras<sup>19</sup>.

Quanto à infra-estrutura a ASPER possui uma sede própria fornecida pela Petrobrás, um veículo Saveiro fornecido pela Prefeitura de Linhares, uma fábrica de processamento pescado (bolinho de peixe), bancadas de inox doadas pela Aracruz, uma fábrica de gelo,

<sup>18</sup> Com o pagamento da taxa em dia.

<sup>19</sup> Mulheres que limpam o pescado.

doadada pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca – SEAP/PR, horta comunitária que fornece alimentos a escola da comunidade e uma câmara fria para conservação do pescado.

Cabe destacar algumas dificuldades da atividade pesqueira evidenciadas em estudos (Relatório Diagnóstico Participativo realizado pela Petrobrás/2010) anteriores, a saber: dificuldade com escoamento dos produtos devido locação; lucro retido com atravessadores; pesca predatória (barcos de arrasto); barcaças da Aracruz Celulose que trafegam na rota da pesca; ausência de atracadouro nas margens da foz do rio Doce.

Foi constatado no mesmo estudo que além das dificuldades citadas acima os pescadores da ASPER sofrem interferência direta da empresa Petrobrás como: restrição da área de pesca em torno das plataformas em um raio de 500m; iluminação das plataformas e embarcações petrolíferas, que atrapalham a chegada dos peixes na costa, devido ao efeito atrativo e concentrador nas estruturas; aumento do tráfego de navios; a sísmica que espanta os cardumes.

Ainda podemos destacar as interferências indiretas, ou seja, impactos sociais que a Petrobras causa na comunidade como: não contratação de mão de obra local; inchaço urbano com a criação de expectativa de empregos; maior demanda de serviço público (esgoto, água) logo maior utilização dos recursos naturais; pressão imobiliária com o maior número de pessoas; danificação das estradas devido ao fluxo intenso de veículos da empresa e não manutenção destas pela Petrobras; poeira excessiva; alta velocidade dos veículos; alto risco de atropelamentos e acidentes.

Cabe ressaltar que as informações foram complementadas e confirmadas mediante conversas firmadas com os pescadores.

### **3.2 O pescador herói**

O ato de heroísmo de um pescador “caboclo”, da Vila de Regência Augusta, passou para os anais da História do Espírito Santo. A descrição do ato heróico a seguir foi baseada nas narrativas dos autores (BAHIENSE, 1971; CALMON JUNIOR, 1975; ZUNTI, 1941).

Devido a dificuldades náuticas encontradas na travessia dos Abrolhos, por alguns transatlânticos franceses, a França solicitou apelo ao Império Brasileiro que por sua vez tomou providências apressando a construção do Cruzador “Imperial Marinheiro”, pela Marinha de Guerra Brasileira, na missão de localizar e marcar os pontos de risco à navegação naquela área do mar baiano. Em 5 de Setembro de 1887, o Cruzador “Imperial Marinheiro”, partiu do Rio de Janeiro, com uma tripulação de cento e quarenta e dois homens a bordo.

Às 1h e 40min da madrugada do dia 7 de setembro de 1887, o Cruzador “Imperial Marinheiro” chocou-se contra o pontal sul da barra do rio Doce, a duas milhas da desembocadura do grande rio, em Regência Augusta. O pânico reinou a bordo do Cruzador, naquela madrugada onde predominada uma forte tempestade, os tripulantes desesperadamente subiam nos pontos mais altos da embarcação no intuito de salvar suas vidas até um possível resgate. Um escaler, com doze tripulantes, é lançado ao mar e chegar a praia com onze tripulantes, sendo engolidos pelas ondas do mar bravio.

Segundo o patrão-mor da barra do Rio Doce, José da Rocha de Oliveira Primo, foi acordado, às 2h da madrugada, por oito dos marinheiros pedindo socorro, no que são atendidos sem demora. Depois de reunido material para o salvamento, constatam que nada podiam fazer, em face da escuridão, e também por falta de embarcação. Ao amanhecer é possível ver os destroços do naufrágio, onde as vítimas ainda se apegavam. Entretanto entre os destroços e a terra estavam as ondas do mar cada vez mais encapeladas.

Enquanto todos diziam que não havia nada a fazer, o “Caboclo” Bernardo se lança corajosamente ao mar, para levar a bordo o “cabo salvador”, com a ponta presa aos dentes. Por quatro vezes foi repellido para a praia, mas na quinta atinge o “Imperial Marinheiro”, iniciando o processo de salvamento através cabo que foi amarrado ao navio. Dez pessoas não resistiram e morreram. Diante da percentagem de mortos, o próprio “Caboclo” Bernardo pega uma pequena chalana, que existia entre os destroços, e ligada ao cabo finaliza o processo de salvamento. Durante cinco horas de lutas incessantes foram salvas cento e vinte e oito vidas.

No dia 29 de Setembro de 1887, o herói nacional, foi agraciado pela Imperial Regente, Princesa Isabel, com a medalha humanitária de 1ª classe, cunhada em ouro, juntamente com um envelope lacrado, e outro aberto contendo um documento de agradecimento. Após trinta e quatro dias o Caboclo Bernardo regressou do Rio de Janeiro para o seu berço natal, sua querida Regência Augusta.

O ato heróico relatado acima se faz presente no imaginário dos pescadores de Regência que precisam transpor a fúria do mar na Boca do Rio<sup>20</sup> como Bernardo José dos Santos o fez para salvar vidas desconhecidas. Anualmente tal feito heróico é lembrado através da “Festa do Caboclo Bernardo”, que acontece próximo ou na data de seu falecimento.

A presença imaginária do pescador Caboclo Bernardo faz parte de uma auto-representação dos pescadores, na qual estão expressos os elementos de uma bravura cotidiana. Quando não podem pescar no rio têm que transpor a fúria do encontro das águas para pescar no mar de fora. Por essa razão, parto do princípio de que toda a força da Vila de Regência Augusta se encontra no heroísmo de seus moradores mediante as dificuldades descritas de navegação no rio Doce.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Toda sociedade cria e recria seu próprio mundo, através de significações que lhe são específicas. Os resultados encontrados revelam que ocorre alteração nas técnicas produtivas pesqueiras principalmente nas fontes de informação e nos termos de linguagem incorporados. O global influencia as vidas individuais nos espaços locais, enquanto as decisões dos indivíduos podem influenciar os resultados globais. Tais inter-influências incidem sobre grupos, que por sua vez não tendem a acabar, mas a se resignificarem.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS**

**BAHIENSE, Norbertino. O Caboclo Bernardo: O Naufrágio do “Imperial Marinheiro” e Outros – Rio Doce.** Segunda edição revista e consideravelmente

---

<sup>20</sup> Boca, boca do rio ou boca da barra são termos utilizados pelos nativos para denominar o local onde o rio se encontra com o mar, diferente dos turistas que geralmente denominam o local como encontro das águas.

umentada. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia do Espírito-Santense de Letras, 1971.

CALMON JÚNIOR, Lastênio. **Vultos, Fatos & Lendas Linharenses**. Linhares-ES: Prefeitura Municipal de Linhares, 1975.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_ **Modernidade e Identidade Pessoal**. Trad. Miguel Vale de Almeida. 2ª ed. Celta Editora, 1997.

REIS, Regina Lúcia Paiva Rabello. **Caboclo Bernardo: História e Cultura na Barra do Rio Doce**. Linhares-ES: Unilinhares, 2003.

ZUNTI, Maria Lucia Grossi. **Panorama Histórico de Linhares**. Linhares-ES: Prefeitura Municipal de Linhares, 1941.